



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

O ITINERÁRIO CONCUPISCENTE DO DESEJO: SIGNOS PERVERSOS EM PIERRÔ DA CAVERNA, DE RUBEM FONSECA

FREDERICO DE LIMA SILVA¹

HERMANO DE FRANÇA RODRIGUES²

Resumo:

A pedofilia, termo que designa a parafilia caracterizada pelo desejo persistente de um adulto em relação a indivíduos pré-púberes e adolescentes, tomando-os de fato, ou na fantasia, como objetos sexuais, representa um dos temas mais incômodos no discurso social, haja vista constituir uma ação que, segundo o entendimento criminal, viola o corpo infantil. Historicamente, as relações sexuais entre adultos e infantes não possuíam a mesma conotação marginal dos dias até o final do medievo, inscrevendo-se, inclusive, no organograma de muitas das culturas que alicerçaram as bases da grande maioria das sociedades ocidentais. A literatura, enquanto matéria marcada no transcurso histórico humano, revela-nos índices

¹Universidade Federal da Paraíba, Doutorando em Letras (Literatura, Teoria e Crítica) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, com bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq).

²Universidade Federal da Paraíba, Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Associado I, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFPB). Coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB-CNPq).

de como essa manifestação, tida como marginal no hodierno, perdeu seus status frente às mudanças no processo civilizatória, como podemos observar em inúmeras narrativas contemporâneas. Por meio do esteio teórico psicanalítico, este artigo propõe uma análise no conto *Pierrô da caverna*, de Rubem Fonseca, a partir do qual pretendemos evidenciar como o vínculo entre o protagonista, homem de cinquenta anos, e Sofia, de doze, caracteriza os signos do desejo pedofílico, o qual se encontra assentado na estrutura perversa.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Rubem Fonseca. Pedofilia.

THE CONCUPISCENT ITINERARY OF DESIRE: PERVERSE SIGNS IN PIERRÔ DA CAVERNA, BY RUBEM FONSECA

Abstract: Pedophilia, a term that designates paraphilia characterized by the persistent desire of an adult towards pre-pubescent and adolescent individuals, taking them in fact, or in fantasy, as sexual objects, represents one of the most uncomfortable themes in social discourse, given that it constitutes an action that, according to criminal understanding, violates the child's body. Historically, sexual relations between adults and children did not have the same marginal connotation as they did until the end of the Middle Ages and was even included in the organizational chart of many of the cultures that laid the foundations of the vast majority of Western societies. Literature, as a material marked in the human historical course, reveals to us indicators of how this manifestation, considered marginal in today's world, lost its status in the face of changes in the civilization process, as we can observe in countless contemporary narratives. Using psychoanalytic theoretical support, this article proposes an analysis of the short story *Pierrô da caverna*, by Rubem Fonseca, from which we intend to highlight how the bond between the protagonist, a fifty-year-old man, and Sofia, aged twelve, characterizes the signs of pedophilic desire, which is based on the perverse structure.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Rubem Fonseca. Pedophilia.

INTRODUÇÃO

A relação sexual entre adultos e indivíduos pré-púberes/púberes não pode ser entendida como um fenômeno monolítico e temporalmente determinado. Os registros históricos de sociedades clássicas, como a grega e a romana, dão conta de que esse modelo relacional integrava parte importante do estalão social. Vecchiatti (2008) corrobora esse juízo, aludindo como o vínculo afetivo entre adultos e

adolescentes constituía uma face determinante na formação do cidadão grego, em especial dos atenienses.

Esse laço, nomeado como pederastia, do grego *Paidierastia*, dava-se a partir do elo entre o erastas (homem adulto) e o erômenos (adolescente do sexo masculino), e possui, segundo inúmeras pesquisas historiográficas, um sentido educativo na configuração dos jovens atenienses. Embora parte significativa dos estudos contemporâneos foquem num direcionamento da relação erastas/erômenos para substanciar e validar um horizonte homossexual na pederastia, o que, equivocadamente, direciona para o entendimento de que os homens helênicos eram *gays* e, graças a isso, a sociedade ateniense seria desprovida de preconceitos típicos das sociedades hodiernas, cumpre-nos observar que a pederastia grega não estava associada a um “amor livre” entre homens, pelo contrário, era socialmente regulado, de forma a não desvirtuar a sua atribuição no arranjo social.

Isso importa dizer que havia, na relação pederasta, um pressuposto social válido e, como componente dessa estrutura, era provido de regulação. Conforme orienta Vrissimtzis (2002), o erastas era, geralmente, um homem por volta dos trinta anos, cidadão legítimo e com papel ativo na vida social ateniense, enquanto o erômenos se referia a um jovem de doze a dezoito anos, filho de cidadão ateniense, o qual era dotado do direito de escolher o seu (professor). Sendo um vínculo constituído apenas por eupátridas, isto é, atenienses plenos e em processo de formação, além de representar uma ligação exclusiva dos cidadãos legítimos e, quase sempre, mais abastados, à pederastia não era atribuída qualquer conotação depreciativa.

A relação erótica entre adultos e crianças não se restringiu à sociedade grega clássica. Na Roma Antiga, o *pater familias*, homem que possuía a posição de destaque no *status familiae* romano, tanto podia manter relações sexuais com seus escravos, fossem eles adultos ou crianças, como com seus *filius*, como forma, por exemplo, de promover a sua iniciação sexual (BOZON, 2004, p. 25). Sanderson (2005, p. 6) corrobora essa afirmação ao salientar que “[...] as filhas eram comumente estupradas. Garotas da Grécia e de Roma raramente possuíam um hímen intacto. Filhos eram também invariavelmente sujeitos a abusos sexuais”. Esse poder, inclusive, era reconhecido pelo próprio Direito Romano, o qual era regulado pelo princípio da autoridade, o que concedia ao pai da família a imperativo sobre “o direito de vida e de morte (*ius vitae ac necis*)” (PEREIRA, 2018, p. 27) de seus descendentes.

Mais adiante no itinerário histórico ocidental, testemunha-se que, no medievo, diferentemente do que ocorria nas sociedades clássicas, uma maior permissividade no tocante às relações entre adultos e crianças. Segundo endossam Labadessa & Onofre (2010), a Igreja Católica favoreceu, por meios de suas normativas clericais, o consentimento social em torno das relações sexuais entre adultos e crianças, atribuindo uma idade mínima, sete anos, para que esse liame pudesse se consumir.

Essa prescrição da Igreja Romana expõe como a noção de infância era praticamente inexistente naquele período, haja vista que, como argumentam as pesquisadoras, anteriormente a idade mínima estava centrada nos três anos de idade.

O processo de criminalização desse liame, no Ocidente, iniciou-se tardiamente, a partir do século XIX, conforme orienta Lacqueur (2001), quando se promoveu um esforço coletivo da sociedade em torno da proteção da infância e da juventude, bem como a criação tanto de termos que caracterizavam os crimes envolvendo as relações sexuais, consentidas ou não, entre adultos e crianças, como de terminologias que abarcassem o entendimento desse fenômeno no processo psíquico dos sujeitos, caso da pedofilia. Isso importa dizer que, “ainda que a temática seja enfrentada pela humanidade há vários anos, apenas recentemente se tornou objeto de estudo no âmbito das ciências jurídicas e da psicologia” (ULISSES, 2019, p. 153).

Embora a pedofilia seja encarada como um delito pela esfera criminal e como uma desordem do desejo para alguns manuais psiquiátricos, não são todas as áreas do saber que se debruçam sobre o tema com um olhar exclusivamente negativo; caso da psicanálise, que busca compreender a pedofilia a partir da dinâmica subjetiva presente no ato, fundamentando-se no entendimento de que nem todo sujeito que possui desejos eróticos por crianças se enquadra no modelo diagnóstico parafílico das enciclopédias médicas. Dessa forma, embora o desejo pedofílico esteja vinculado à estrutura perversa, apenas os crimes cometidos contra crianças, e que tem como plano de fundo esse desejo, integram o *hall* das chamadas parafilias. Em outras palavras, pode-se afirmar que há inúmeros indivíduos cuja sexualidade se encontra voltada à infância, os quais conviverão com crianças e adolescentes por toda a vida sem que, necessariamente, pratiquem quaisquer ações delituosas para com eles.

O ITINERÁRIO CONCUPISCENTE DO DESEJO

Sendo, além de documento historiográfico, também uma ferramenta de registro dos fenômenos subjetivos amalgamados no itinerário humano, a literatura permite-nos observar como certos fenômenos psíquicos humanos se diluem no mal-estar civilizatório (SILVA, 2021). No conto *Pierrô da caverna*, do escritor mineiro Rubem Fonseca, somos apresentados a uma narrativa que, dissimulada em sua linguagem e em seus artifícios diegéticos, desnuda a moral tradicional por meio do seu protagonista, um escritor quinquagenário em crise criativa, o qual expõe, sem muitas reticências, o seu desejo obsessivo por uma menina de doze anos chamada Sofia. A trama é revelada em primeira pessoa por um narrador-protagonista, o qual, desde as primeiras linhas, já expõe a maneira como o seu desejo o averba no mundo. Segundo nos conta, “Existem pessoas que não se entregam à paixão, sua apatia as leva a escolher uma vida de rotina, onde vegetam como ‘abacaxis numa estufa’,

como dizia meu pai. Quando a mim, o que me mantém vivo é o risco iminente da paixão e seus coadjuvantes, amo, ódio, gozo, misericórdia (FONSECA, 1989, p. 33).

O gravador que o protagonista faz questão de afirmar ter sempre em mãos, parece-nos funcionar como um duplo artifício ficcional, tanto para dar vazão àquilo que o personagem não teria meios de dizê-lo sem subterfúgios, como para o próprio autor assegurar meios de substanciar, ante à crítica especializada e ao público em geral, o modo como tece o drama: um testemunho de uma prática delituosa e que causa ojeriza perante a sociedade; podendo ambos os sentidos serem tangenciados na passagem em que narrador afirma que o uso do dispositivo lhe permite falar o que quiser, sabendo que, carregado da fina ironia fonsequiana, o conteúdo da sua autoconfissão “não será passado jamais para o papel, e assim não tenho necessidade de buscar o estilo requintado que os críticos tanto elogiam”.

Munido do apetrecho, conta-nos os pormenores da sua rotina, dos seus amores passados e de seu grande alvo sexual, a jovem Sofia. Aqui, percebemos o início de um expediente característico do anti-herói do conto, recurso pessoal para tentar validar sua condição. Por meio de uma erudição apologética, o personagem recorre a uma espécie de estatuto identificatório como forma de subsidiar o seu ideário transgressor. Primeiro, a partir de indicações de fatos notabilizados no cotidiano que reforçam ideia de que a atração física por crianças é um valor universal, reconhecido por grupos de pessoas ao redor do mundo, mesmo que contra eles haja os que desaprovam. Em Londres, cita, “organizaram uma associação de pedófilos e seus membros, no dia da inauguração, foram agredidos por uma multidão de cidadãos irados, mulheres na maioria”. Isocronica à sua argumentação, também vemos-lo indicar o perigo de tal atitude dos correlatos ingleses, o que sinaliza o medo de transparecer o desejo que carrega, o que está impresso em outros recortes informacionais fornecidos pelo escritor, os quais tratam sobre pedófilos pegos no ato, o que fulgura um suposto temor de sentir na pele as mesmas consequências impostas àqueles que não deixaram seu ímpeto sexual velado. Uma das notícias descreve:

Severino Borges, quarenta e quatro anos, morador na favela Parque da Alegria, em São Cristóvão, Rio de Janeiro, carpinteiro, era um homem delicado e prestativo. Não posso falar mal de Severino, disse o Presidente da Associação de Moradores do Parque Alegria, porque ele sempre foi muito quieto e nunca prejudicou ninguém aqui, pelo contrário, trabalhou de carpinteiro de graça para quase todo mundo. Eu sabia que ele tinha essa doença, mas não sei quantos casos foram. Fiquei de longe vendo o espancamento, disse Maria da Penha, que mora na favela, bateram tanto nele que me deu pena, depois que ele caiu continuaram chutando e pisando e dando pauladas até ele morrer. Se ele tivesse feito isso com a irmã da Lucinha, que tem doze anos, acho que o pessoal não batia nele, mas a Lucinha tem só oito aninhos. (FONSECA, 1989, p. 36)

Conquanto possa parecer temer por sua inclinação, o narrador, em nenhum momento, faz desse medo um obstáculo ao que sente, pois, sendo reflexo umbrático de um sujeito cuja sexualidade está inclinada à estrutura perversa, a lei, mesmo que exista não consegue sustar sua necessidade de gozo. No manuscrito *A Disposição à Neurose Obsessiva...*, Freud (1913 [1969]) infere acerca dos recônditos do desejo, permitindo-nos ponderar acerca da fixação na criança como objeto da libido, sinalizando que essa tendência pode ser espelho de uma tentativa de defesa egóica, onde a pulsão retrocederia ao cenário pré-genital como forma de se esquivar da ameaça de castração, isto é, “O ato pedófilo caracteriza-se pela atitude de desafiar a lei simbólica da interdição do incesto” (HISGAIL, 2007, p. 17). Nesse escopo, o personagem fonsequiano representaria aquele que fracassou frente aos desígnios do recalque, o que lhe permitiu, por exemplo, exercer sobre um outro mais fraco os seus impulsos sádicos, de devoração, tal qual se estabelece no vínculo perverso do pedófilo com o seu alvo. Daí a capacidade do indivíduo que possui esse imperativo sexual de, diferente dos demais sujeitos, não ser afetado significativamente pelos efeitos de componentes cerceativos comuns ao processo civilizatório e que operam, no domínio anímico, em prol da resistência ao desmedido do desejo, tais como o pudor e a repugnância, algo que se evidencia em diversos momentos da narrativa em questão, a exemplo de quando o protagonista deixa patente o fato de que não costuma “sofrer desses instantâneos e fugazes sentimentos de culpa” (FONSECA, 1989, p. 40).

Mesmo sendo capaz de assumir, no horizonte do seu consciente, que a lei existe porque há na pedofilia algo que vai de encontro com o ordenamento, o narrador, inconscientemente, não assume os códigos criminais como sendo capazes de suplantar o imperativo de sua sexualidade perversa, o que está representado na sua resistência ao admitir a simpatia pelo tema a outras pessoas, como, a título de exemplificação, a Regina, um dos seus muitos casos paralelos, que o questiona se estaria mantendo relações com alguma garotinha. Em sua resposta, o escritor não consegue homiziar a propensão, deixando evidente, sobretudo nas reticências, que acredita ser indevida a criminalização de um laço, de acordo com ele, recíproco e, às vezes, até mesmo insuflado pelas crianças:

Respondi que o amor era necessário ao desenvolvimento espiritual do homem, que o sexo era inocente e bom, uma parte importante da experiência estética e espiritual, como o prazer da música e da poesia. Não fuja da pergunta, disse Regina, outro dia você me disse que um homem de setenta anos havia casado com uma menina de doze e eu achei estranho que você se interessasse por isso e também achei estranho que você se interessasse por um sujeito que em Israel foi condenado à prisão por ter mantido relações sexuais com uma menina também de doze anos. Na verdade, os juízes deram como provada sua alegação de que fora seduzido por ela. Não consegui fugir a tão vulcânica paixão, ele havia dito. Discutimos a tarde toda, eu e Regina, e pela primeira vez não fizemos amor. (FONSECA, 1989, p. 37).

Cabe destacar no excerto acima que há uma romantização não só do desejo, mas do ato pedófilo pelo personagem, o qual atribui ao seu próprio objeto de desejo uma feição encantadora e sedutora, cuja pele “tem a brancura de lírio das heroínas dos romances antigos, um lírio branco profundo, camadas de branco superpostas, um abismo de alvura sem fundo”. Essa aproximação com o aspecto profissional do protagonista é interessante à medida em que também serve como fulcro para, adiante, invocar a memória de outros escritores, celebrados em sua carreira, que afirma serem conhecidos por manifestarem o mesmo desejo por jovens. O fato a se destacar é seu argumento em dos seus pares, afirmando terem sido eles os seduzidos:

A arte está cheia de meninas virando a cabeça de homens maduros, a de Malle, a de Nabokov, a de Kierkegaard, a de Dostoievski. Dostoievski seduziu uma menina de menos de doze anos e contou para Turgueniev, que não lhe deu importância. Sua culpa está projetada no Svidrigailov, de Crime e Castigo, e em Stavrogin, de Os Possessos, ambos pedófilos violadores. Cena do Diário de um Sedutor: a menina desce da carruagem e deixa aparecer um pedaço da perna e eu, Kierkegaard, me apaixono avassaladoramente.

Para o protagonista fonsequiano, o qual se recobre, inconscientemente, num argumento de reciprocidade do desejo, Sofia não se configura exclusivamente como objeto da sua libido, já que não estaria apenas a serviço do desejo de outrem, mas do seu próprio desejo. “Eu pensava em Sofia e não me saía da cabeça a pulseirinha de ouro no tornozelo dela, que coisa diabólica” (FONSECA, 1989, p. 35), diz o protagonista, atribuindo à adolescente uma malícia inerente, o que nos assegura arrazoar, em contrapartida ao pressuposto freudiano, que não há, necessariamente, uma primazia sádica na cena pedófila, pois o sujeito perverso, assim como está representado o personagem de *Pierrô da caverna*, encontra-se alicerçado no paradigma da naturalidade da expressão sexual não apenas de si mesmo, mas também da criança. Isso pressupõe a consideração de que, em seu imaginário, o pedófilo “estabelece vínculos passionais e sensuais com as crianças, pois entende que há uma permissão infantil para o estreitamento do laço amoroso” (HISGAIL, 2007, p. 64), resultante de um “desejo de gozar” negligenciado ou barrado pela figura paterna. Em relação à premissa do inconsciente pedofílico de que a criança é recíproca para o seu desejo, Sanderson (2015) atribui esse silogismo parafílico ao grupo dos chamados pedófilos não predadores, formado por quase noventa por cento dos indivíduos diagnosticados, cuja fantasia põe desde bebês a pré-adolescentes na dimensão de autonomia do desejo, isto é, para esses sujeitos, a imperícia das crianças frente ao abuso é entendido como consentimento para a sua atuação.

Outrossim, o cenário do laço parental que a jovem integra realça, de fato, certo desmazelo por parte dos genitores, Eunice e Milcíades, os quais são descritos pelo narrador como indivíduos que “bebiam muito, era comum, à noite, eles se

embriagarem assistindo à televisão, sem perceberem que que a filha os observava, com um pouco de pena e muito desprezo” (FONSECA, 1989, p. 43). Essa disposição familiar incúria diz muito a respeito da facilidade com que a jovem busca na figura do escritor aqueles afetos positivos que lhe são dispensados, fomentando sua admissão à montagem perversa, em outras palavras, o acesso do personagem pedófilo ao corpo de Sofia se dá, problematicamente, com aval dela, mas tendo como fator atenuante a notória precarização da conjuntura parental, algo que, tanto na dimensão anímica do protagonista como da adolescente, retifica a assertiva de que “a encenação perversa constitui um desafio ao pai desmoralizado e humilhado” (HISGAIL, 2007, p 75).

Esse aviltamento não só da imago paterna, mas das figuras parentais, tem contornos acentuados, primariamente, na figura de Eunice, que é facilmente enlaçada pelo narrador, passando a ser, assim como Regina, uma um paliativo amoroso em relação a quem, de fato, possui a atenção do protagonista, Sofia. Essa condição é confirmada pelo personagem, o qual trata a relação anódina com a mãe do seu verdadeiro alvo sexual sem qualquer sinal de compunção, atestando que,

Para falar a verdade eu não sou um cínico, não sei ser irônico, sarcástico, sou tímido e orgulhoso, mas meu orgulho não tem arrogância nem ostentação, apenas auto-estima. Eu sabia que me interessaria por Eunice apenas o tempo em que ela fosse uma pessoa nova, diferente, e isso ela conseguiria ser apenas algumas horas; durante esse tempo eu sentiria desejo, acharia graça nela. [...] Ir para cama com Eunice, como com todas as outras, fora algo parecido com uma viagem a uma cidade desconhecida: no princípio a gente percebe tudo, alerta, ligado, mas depois de algum tempo atravessamos a rua sem nada ver, e se vemos não sentimos, como um carteiro fazendo a entrega da correspondência. (FONSECA, 1989, p. 39-40).

Milcíades, por sua vez, um indivíduo cuja adicção alcohólica é seu traço caracterizador, mostra-se constitutivamente incapaz de lidar tanto com o ambiente familiar babélico, quanto com a relação imprópria entre o vizinho e a sua filha. Esse desamparo e vulnerabilidade de pais e filhos, assim como descrito no modelo de família nuclear da narrativa fonsequiana, diz de um fenômeno comum no contemporâneo, o qual Kehl (2003) pontua como sendo o da fragilização dos papéis outrora atribuídos pelo pensamento burguês, corroborando com o argumento de Roudinesco (2003) em relação à desordem do laço familiar, que já se impõe, pelo menos desde o início do século XX, como um verdadeiro sintoma manifesto na família ocidental, que, pervertida em sua função de base social e estruturante do ponto de vista anímico, encontra-se com notável risco de decomposição, o que implicaria uma realidade de efeitos com potencialidade negativa para o processo subjetivo. Ambas se referem ao fato de que as crianças hodiernas estão sujeitas a uma nova modalidade de abandono afetivo, o que proporciona, entre outros efeitos, a abertura de investimentos libidinais outros, que suprem essas demandas atendidas

precariamente por aqueles que exercem as funções parentais. Em outros termos, “Se a negligência imperou por séculos e, depois, o cuidado e a atenção traçaram um período de preservação da vida das crianças, hoje, temos pela frente uma forma distintiva de ameaça à infância” (HISGAIL, 2007, p. 15). Na tecitura narrativa, o pai de jovem Sofia claudica perante a constatação de que a filha mantém um vínculo afetivo com um adulto, e, na possibilidade de estabelecer uma cisão desse intercurso, mesmo que de maneira violenta, deixa-se seduzir pelas palavras do escritor:

Ao voltarmos encontramos o pai de Sofia no hall do edifício. Ele estava esperando por nós e parecia embriagado. Vamos subir para o seu apartamento, ele disse rispidamente. Seus olhos estavam congestionados e ele torcia a boca exageradamente, para que eu não tivesse dúvidas quanto ao seu estado de espírito. Vez por outra enfiava a mão no bolso ameaçadoramente. O nome dele era Milcíades. Ele não havia feito a barba e parecia ter dormido com a roupa que usava. Entramos no meu apartamento e assim que fechou a porta Milcíades tirou do bolso um revólver que me apontou com a mão trêmula. Se atirasse em mim e me matasse seria por acaso. Aos gritos Milcíades disse que nos havia visto de mãos dadas na rua. Canalha, velho cínico e imoral, bradou ele, enrolando a língua. Eu deixei que ele gritasse até ficar cansado. Depois lhe disse, em muitas e repetidas palavras, que eu tratava a filha dele com o maior respeito, como se fosse um pai, o que era verdade. Ele nos examinou, a mim e a Sofia, com um astuto olhar esgazeado, e depois de algum tempo colocou o revólver no bolso do paletó e sentou-se. De qualquer forma não quero que o senhor veja mais a minha filha, ele disse, e ordenou a Sofia que fosse para casa. Fiz um gesto tranquilizador para Sofia quando ela saiu. Perguntei a Milcíades se podia oferecer-lhe um uísque. Ele hesitou um pouco e respondeu, com voz mais suave e conciliadora: com gelo. (FONSECA, 1989, p. 44-45).

Impotentes e seduzidos pelo protagonista, Sofia, Eunice e Milcíades denotam o tom denunciativo da literatura de Fonseca, aludindo a seu narrador-personagem, e nisso refletindo o cotidiano dos abusos sexuais infantis de nossa sociedade, ao mesmo tempo vilipendia as bases familiares do casamento monogâmico pressuposto, como também escarnece a debilidade moral e simbólica entre os membros que a compõem. Em seu decurso final, o conto sobreleva as consequências do vínculo pedófilo tanto para o narrador quanto para a criança. Ao manter contínuas relações sexuais com a jovem, o narrador acaba engravidando-a; situação que promove uma angústia que se sobressai ao roteiro comum, isso porque, ao ver o corpo infantil “adulterar” com a maternidade, o personagem deixa evidente como a perda do *status* pueril do seu objeto erótico deforma não apenas a imagem que a criança carrega, mas também a sua própria condição na qualidade de cooperador do desejo, haja vista que, se outrora negava a lei simbólica operada pelo signo paterna, agora, ele mesmo, tornar-se-ia progenitor, todavia, não como os pedófilos costumam assumir diante do seu alvo, o de pai que se contrapõe aos costumes rígidos e frios da família, difundindo uma paixão que exige reciprocidade ao propor uma função paterna e

educativa fundada na idealização da pulsão” (FLEIG, 2010, p. 6), e sim o pai que ele, estruturalmente, desmente.

Hisgail (2007, p. 12) salienta que o pedófilo, assim como os demais sujeitos estruturalmente perversos, compreende o teor ilícito das suas ações na dinâmica social, mesmo que não se submeta às leis civilizatórias, ou seja, “Mesmo considerando que se trata de uma patologia, ele preserva o entendimento de seus atos, o que o diferencia de um psicótico”. Tal asserção se comprova nas consequências imediatas tomadas pelo protagonista, a saber, o aborto do feto. Na descrição dos trâmites que envolvem o mercado do aborto clandestino no Brasil, Fonseca escancara como a corrupção dos corpos infantis não é exclusiva dos pedófilos, os quais, muitas vezes, servem também como bodes expiatórios, haja vista existir toda uma instrumentalização perversa no seio da própria sociedade, que abarca a manifestação pedofílica e nela se sustém. Ao tentar convencer o médico da clínica de abortos, de nome Boris Godunov, o protagonista sacramenta — ou melhor, blasfema — seu ato final de perversão em relação ao corpo de Sofia, mostrando-nos como a desvirtuação dos corpos não se configura um entrave no também perverso arranjo da sociedade do capital: Boris perguntou minha idade e quando eu disse notei que ele me olhou com mais simpatia. Mesmo assim não abandonou o seu estilo injurioso: mais pra lá do que pra cá, hein? Eu amo esta menina. Ah, o amor, o amor, sentenciou Boris. Tudo tem um ônus, um preço, um imposto, uma carga, um gravame. (FONSECA, 1989, p. 47-48).

Com o aborto, findam-se duas possíveis angústias, as quais poderiam representar punições nas esferas criminais e psíquicas do escritor quinquagenário, que narra e protagoniza a narrativa, sinalizando a ironia presente na escrita de Rubem Fonseca, que reflete como a sociedade brasileira também se institui em um arranjo perverso, onde há aqueles que fazem do gozo seu alimento e moeda, enquanto outros servem como objetos, fetiches, companheiros inconscientes dessa ordenação: a primeira diz respeito a não punição pelo crime de pedofilia, que se tornaria irrefutável com o nascimento da criança; a segundo se refere à manutenção, ao menos temporariamente, do corpo de Sofia no quadro da infância, o que evitaria a quebra do encadeamento entre o pedófilo e seu objeto erótico. Aqui, parece-nos elucidativa a analogia expressa por Muribeca e Perreira (2013, p. 24), de que “O lobo, enquanto ser de desejo, entra em conflito com o ser de cultura, pois luta contra a força imperativa de seu gozo na tentativa de domesticar suas pulsões mais arcaicas. O cordeiro, abatido em seu ser de desejo, vê-se objeto do desejo de um estranho usurpador de seus sonhos e de um devir que lhe foi negado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Pierrô da caverna*, Rubem Fonseca (1989) faz uso daquela que, anos depois, consumir-se-ia como emblema da sua escrita, a estética denunciativa, onde seu protagonista, quase sempre, um transgressor da ordem social, expõe as fissuras constitutivas cujo processo civilizatório propende a tamponar. Sem reticências ao fazer da narrativa um dedo que toca as feridas narcísicas da cultura, o autor nos apresenta um enredo que evidencia a pedofilia como um crime contra a alteridade infantil, mas também a precariedade das instituições responsáveis pela sua proteção, como a família e o Estado, e, com isso, avulta o modo como certas manifestações de ordem perversa, como é o caso da pedofilia, encontram sustentação, mesmo que de forma marginal, na sistemática do cotidiano humano.

Nesse sentido, nossa pesquisa buscou inclinar-se não apenas para exprimir o evidente teor que atenta contra as prerrogativas que afiançam o laço social, mas, em especial, os signos anímicos que se diluem na relação entre o indivíduo que apresenta traços parafilicos e o seu alvo sexual, que, na narrativa de Fonseca (1989), é uma criança. Nesse sentido, *Pierrô da caverna* é uma narrativa que ousa afrontar o leitor no terreno da inquietação pelo fato de, ao mesmo tempo apresentar o seu personagem principal como um sujeito aparentemente lúcido e consciente de sua conduta, o que fomenta o questionamento, diante de todas as situações apresentadas, acerca de qual a nossa parcela de julgamento, cumplicidade e/ou conformismo ante ao que é representado, já que, como afirma Roudinesco (2008), o pedófilo também serve aos propósitos expiatórios de uma sociedade que nega sua essência perversa e, por isso mesmo, concebe tudo aquilo que goza sem medida tanto como um alvo para as suas pulsões destrutivas, como um símbolo de purgação.

REFERÊNCIAS

BOZON, M. Sociologia da sexualidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FLEIG, M: O pedófilo como vítima de seu desejo e perversão. In Pedofilia. Desejo e perversão. *Revista IHU On-Line*; n. 326, 2010, pp. 5-8. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao326.pdf>>. Acesso em 22 jul. 2023.

FONSECA, R. *Pierrô da caverna*. In: _____. *O cobrador*. 3. Ed. - São Paulo:

Companhia das Letras, 1989, p. 31-49.

FREUD, S. (1913). A Disposição à Neurose Obsessiva: uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose. In: Edição Standard Brasileira das obras

psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969, Vol. XII, p.399-409.

HISGAIL, F. Pedofilia: um estudo psicanalítico. - 2. Reim. - São Paulo: Iluminuras, 2007.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C. (Org.) *Direito de família e psicanálise - rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 163-176. LABADESSA, V. M.; ONOFRE, M. A. Abuso Sexual Infantil: Breve Histórico e Perspectivas na Defesa dos Direitos Humanos. *Revista Olhar Científico*, v. 01, n. 01, jan.-jul. 2010. Disponível em: <http://www.olharcientifico.kinghost.net/index.php/olhar/article/view/4>. Acesso em: 29 dez. 2022.

LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARROU, H. I. Da Pederastia Como Educação. In: _____. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990, p. 51-65.

MURIBECA, M. das M. M.; PEREIRA, W. M. Quando o lobo e o cordeiro perdem a pele: a psicanálise na escuta da pedofilia. In *Cogito* [online], vol.14, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cogito/v14/v14a06.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2023.

PEREIRA, C. M. da S. *Instituições de Direito Civil. Vol. V - Direito de Família*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2018.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*; [tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge]. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SANDERSON, C. *Abuso Sexual em Crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SILVA, F de L. Escuta das entrelinhas: Sigmund Freud e a literatura enquanto registro da subjetividade. In: *Revista Literatura em Debate*, v. 16, n. 28, p. 134-146, jul./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/4137/3248>. Acesso em: 04 jun. 2023.

ULISSES, L. F. J. O monstro da sexualidade infantil: a resposta penal

mais adequada ao pedófilo. In: Revista de Doutrina e Jurisprudência, v. 55, n. 1, jul.-dez. Brasília, 2019. Disponível em:<https://revistajuridica.tjdft.jus.br/index.php/rdj/article/view/543/104>. Acesso em: 04 jun. 2023.

VECCHIATTI, P. R. I. Manual da Homoafetividade. São Paulo: Método, 2008.

VRISSIMTZIS, N. A. Pederastia. In: _____. Amor, Sexo & Casamento na Grécia

Antiga. São Paulo: Odysseus, 2002, p. 100–114.